

EDITAL DE INSCRIÇÃO (RESUMO EXPANDIDO) - PSICOLOGIA

ESTRELAS NUNCA MORREM: IDENTIDADE-METAMORFOSE DA PESSOA EM CUIDADOS PALIATIVOS

Renan Lamberti (psi.renanlamberti@gmail.com)

João Amâncio Do Rêgo Junior (jooamancio@yahoo.com.br)

Joice Passos Da Silva (joice.passos1106@gmail.com)

A morte, apesar de certa, é cada vez menos vivida e aceita, devido à solidão, desumanidade e mecanicidade atual (Kubler-Ross, 1992, p. 19). O medo da morte aumentou devido à banalidade das perdas da pandemia do Covid-19 (Ribas et al., 2022, p. 10), com exclusão de dignidade sobre o morrer. A certeza da morte expõe a incerteza da vida. Apesar da finitude de um paciente terminal despertar empatia, a morte é reafirmada e perpetua-se como um tabu, velado e impronunciável, de tal forma que a presença dos cuidados paliativos se faz imprescindível, a fim da melhora da qualidade de vida diante da doença que ameaça a vida (WHO, 2002 apud Brasil, 2022). É fundamental que os cuidados paliativos promovam dignidade à pessoa (Kovács, 2008, p. 552) até o fim, o que não é

confirmado na realidade. A relevância deste estudo para a ciência e a prática da Psicologia está em levar humanidade àqueles que, muitas vezes, são tratados como objetos diante do próprio morrer (Kubler-Ross, 1992, p 26), bem como verificar como a morte é vivida e como ressignificar o morrer com a presença da Psicologia.

Objetificou-se, de forma central, compreender a metamorfose identitária na perspectiva de finitude frente à personagem do sujeito-que-morre que se aproxima por uma doença em estado terminal. Além disso, buscou-se entender como ocorrem metamorfoses na identidade de uma pessoa em estado terminal diante da morte simbólica/biológica; conhecer a perspectiva da pessoa em relação a morte e ao morrer e como influencia no processo de metamorfose identitária; apreender as diversas personagens vividas pela pessoa no decorrer da metamorfose de sua identidade; explorar as metamorfoses identitárias presentes na história de vida e perspectivas de futuro a partir do diagnóstico terminal atual; analisar como a pessoa lida com as relações mais próximas que viverão

a perda; identificar aspectos relacionados a busca de sentido e esperança do indivíduo diante de um sofrimento que ele não tem controle ou resolução aparente.

Utilizou-se o método narrativa de história de vida, pesquisa de campo, estudo qualitativo e descritivo através de entrevista aberta, desenvolvido por Antônio da Costa Ciampa no livro “A estória do Severino e a história da Severina”, publicado em 1987 (1995) como tese de Doutorado em Psicologia Social, aprofundando-se na história de vida do sujeito, onde o universal concretiza-se no singular (ibid., p. 125). Realizou-se a pesquisa com a aprovação do comitê de ética da UMESP de número 83892524.3.0000.5508. A pesquisa foi realizada na Associação beneficente sem fins lucrativos Instituto de Amor Oncoamigo para Reabilitação e Promoção da Saúde. Contou com a participação de três pessoas com diagnóstico de câncer atual ou anterior em entrevistas individuais, na qual foi escolhida uma história como centralizadora para o desenvolvimento do estudo, aprofundando-se com mais duas entrevistas. A fins de sigilo, nomeou-se a participante de Estrela.

A partir da narração de sua história de vida, foram identificadas as personagens assumidas (Ciampa, 1995, p. 198). Sua história começa no parto. Estrela nasce Estrela-sofredora, e a partir disso surge Estrela-lutadora que sobrevive ao parto, Estrela-sobrevivente. Na relação com o mundo, ainda recém nascida, se torna Estrela-forte-sobrevivente. A lutadora se metamorfoseia em Estrela-opositora-negadora, e posteriormente em Estrela-opositora-desafiadora. Essa é sua maior estratégia identitária para concretizar a identidade desejada filha-amada. Em dado momento, ela assume a Estrela-passiva encapsulando a opositora-desafiadora, ainda na busca por concretizar Estrela-filha-amada. Estrela-milagre aparece quando sua potência contra a morte é validada

objetivamente através da sobrevivência improvável a dois acidentes graves. A opositora-desafiadora volta quando se torna Estrela-mãe e, na relação com a filha, sua nova família, concretiza a filha-amada na filha enquanto ela mesma é Estrela-mãe-que-ama. Filha, esta, que possui o transtorno opositor-desafiador, como extensão da identidade da mãe. Na descoberta do câncer surge Estrela-que-tem-câncer, mas não o aceita. Ao perceber-se em cuidados paliativos, surge Estrela-em-cuidados-paliativos. É neste momento, diante da iminência da morte, que Estrela dá o maior salto qualitativo de sua história e se torna Estrela-que-não-está-de-acordo, um claro momento emancipatório em ser-si-mesma.

A representação de morte para Estrela foi desde o parto uma Morte-vencível (Kovács, 2002, p. 6), caracterizada por um movimento constante de oposição e desafio. Ao entrar em cuidados paliativos, a Morte é metamorfoseada, dando lugar à Morte-implacável, que não pode ser vencida (Kovács, 2002, p. 8). Diante desta, Estrela dá seu maior salto qualitativo e se torna Estrela-que-não-está-de-acordo, não mais se opondo e desafiando a realidade, mas a aceita e faz o possível para mudá-la e viver. Como diz Estrela, “enquanto há vida, há esperança” (p. 121). Ao traçar um paralelo com Macabéia de “A hora da estrela” (Lispector, 1998) e Estrela, demonstrou-se a influência da representação de morte no processo de metamorfose identitária. Destaca-se o papel da sociedade-opositora-desafiadora-da-morte na identidade-metamorfose da pessoa que lida com o morrer, confirmando a necessidade

da promoção de condições favoráveis à metamorfose e emancipação nos cuidados paliativos diante da terminalidade iminente. As impossibilidades da vida de Estrela refletem a impossibilidade da sociedade (Ciampa, 1995, p. 227), presa em sua mesmice e re-pondo a desumanidades em má-infinidade, sem autonomia, sem mesmidade, sem emancipação. A identidade da sociedade cria, para as identidades humanas que a formam, uma vida-sobrevivida, não-vivida e, portanto, sem vida não há morte que se mereça viver. Impossibilita-se assumir o Sujeito-que-morre ao destituir o Sujeito-que-vive de sua própria vida. Produz-se morte-macabéia, tão sem dignidade e sem ajuda quanto viveu. Uma sociedade que nos impede de morrer nos mata todos os dias. Estrela, tal como a Severina

de Ciampa (1995), reflete a realidade de sofrimento, exclusão e vulnerabilidade da mulher brasileira, trabalhadora, sofredora, mas que não abandona a luta e sonha com seu momento de brilhar.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer – INCA. Cuidados Paliativos. 2022. Disponível em <Cuidados paliativos — Instituto Nacional de Câncer - INCA>. Acesso em 20 de junho de 2024.

CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social. 4. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: EDITORA BRASILIENSE S.A. 1987-1995.

KOVÁCS, M. J. Morte e desenvolvimento humano. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992-2002.

KOVÁCS, M. J. A Morte no Contexto dos Cuidados Paliativos. In: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP). Cuidado Paliativo. São Paulo: 2008.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1969-1992.

LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

RIBAS, A, S; ARAUJO, F de; PORTO, L, G. O luto e a morte na perspectiva do contexto brasileiro de pandemia: uma revisão da literatura. Centro universitário UNA contagem. Curso de Psicologia. 2022.

Palavras-chave: identidade-metamorfose; história de vida; cuidados paliativos; luto.